

**Universidade de Brasília**

**Instituto de Psicologia**

**Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu***

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS  
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL - EEDH**

**O PAPEL DA ESCOLA NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO, PRECONCEITO  
E DISCRIMINAÇÃO: A MEDIAÇÃO PROFISSIONAL DOS EDUCADORES DO  
COLÉGIO ESTADUAL CORONEL JOÃO DUQUE**

**LUCIENE RORIZ LOPES**

**Orientadora: Prof. Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo**

Brasília

2015

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Psicologia**  
**Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu***

LUCIENE RORIZ LOPES

**O PAPEL DA ESCOLA NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO, PRECONCEITO  
E DISCRIMINAÇÃO: A MEDIAÇÃO PROFISSIONAL DOS EDUCADORES DO  
COLÉGIO ESTADUAL CORONEL JOÃO DUQUE**

Pesquisa-intervenção apresentada como trabalho de final de curso do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

Brasília

2015

## SUMÁRIO

1.	Apresentação.....	
2.	Fundamentação teórica.....	6
2.1.	A Educação que sonhamos.....	6
2.2.	É importante que na Educação Exista o Respeito à Diversidade.....	9
2.3.	Preconceito, Racismo e Discriminação.....	12
2.3.1.	A Discriminação Racial e Educação.....	14
2.3.2.	O Papel da Escola na Desconstrução do Preconceito.....	15
3.	Objetivos de pesquisa.....	17
3.1.	Objetivos específicos.....	17
4.	Metodologia.....	18
4.1.	Contexto de pesquisa.....	19
4.2.	Participantes.....	21
4.3.	Instrumentos e Procedimentos de Construção das Informações.....	21
5.	Estratégias de intervenção e análise.....	23
6.	Considerações finais.....	27
7.	Referências.....	29

## 1. APRESENTAÇÃO

De modo geral as manifestações sutis de discriminação racial são muito presentes no dia a dia da sociedade brasileira. Elas vêm camufladas através de brincadeiras, piadas e apelidos aparentemente inocentes, mas têm toda a força do preconceito e provocam conseqüências enormes na vida das pessoas. Considera-se, inclusive, que essa discricção é o que torna o problema cada dia algo mais difícil de ser resolvido.

A condição humana não apresenta características universais e eternas, pois variam as maneiras pelas quais os homens respondem socialmente aos desafios, a fim de realizar sua existência, sempre historicamente situada. Dessa forma, desqualificar e discriminar tornam-se comportamentos completamente inadequados, uma vez que cada ser humano tem uma identidade construída, que deve ser respeitada, preservando assim o “eu” que se contrapõe ao outro.

A sociedade, e mais precisamente a escola, ainda precisa pensar e discutir o tema de forma mais eficaz, a fim de reconhecer e lutar contra o racismo, uma vez que ele acaba afetando a construção da identidade, pois fere a auto-estima, prejudica no desempenho escolar e nas relações afetivas sociais.

Após tantas leituras para realizar este trabalho cheguei a conclusão que o racismo é uma forma de discriminar as pessoas com base na cor da pele ou outras características físicas, consiste em preconceito, é um dos principais fatores estruturantes das injustiças sociais que acometem a sociedade brasileira e, conseqüentemente, é a chave para entender as desigualdades sociais que ainda envergonham o país.

Metade da população brasileira é negra e a maior parte dela é pobre. A expressão do racismo se modifica com o tempo, manifestando-se em diferentes e novas formas, mas apesar da sutileza em que se manifesta, é notório que o racismo reina perversamente em nosso país. Isso traz como conseqüências algumas desigualdades expressas sob a forma de impedimentos e barreiras sociais para a população afro-brasileira.

Por conta disso, surgem as ações de inclusão social, muitas vezes discutidas pelos movimentos sociais e governo, na tentativa de combater as permanentes formas de preconceito racial que permeiam as relações humanas no Brasil. Nessas lutas, enfatizam-

se que o negro sempre labutou e continua lutando pela sua equidade. Como resultado surge a Lei 10.639/03, que entevê que o negro não deve ser visto somente como peça de trabalho, ou seja, a partir do tráfico negreiro, mas sim como um cidadão comum, com uma cultura e uma História a ser conhecida.

Diante disso, faz-se necessário que a escola desenvolva projetos que visam desconstruir o racismo, preconceito e discriminação, exercendo seu compromisso com o desenvolvimento de cidadãos que busquem a liberdade e que tenham voz para serem livres das opressões e desigualdades sociais, políticas e intelectuais.

Esse estudo, portanto, teve por objetivo construir, em parceria com uma escola, um projeto de intervenção no qual as questões de racismo sejam amplamente discutidas e analisadas, de maneira que possa contribuir com o desenvolvimento daquele espaço educacional. Foi desenvolvido com base em estudos bibliográficos, e de campo com, entrevistas com professores.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. A Educação que Sonhamos

Em 1948, o Governo Federal encaminhou ao Congresso Nacional, por meio do Ministério da Educação e Saúde Pública, o projeto de lei que resultaria, 13 anos depois, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sob o nº 4.024/61. A mesma foi criada com o intuito de oferecer uma educação igualitária como direito de todos e foi modificada por emendas e artigos, sendo reformada pelas leis 5.540/68 (lei da reforma universitária), 5.692/71 (Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus) e posteriormente, substituída pela LDB 9.394/96.

Essa evolução histórica nos conduziu a uma concepção de educação como um direito de todos e, antes de tudo, um compromisso com a pessoa, com o ser humano. É, pois, uma relação dialógica. É um ato de amor, de transformação, como lembra Paulo Freire (1981).

Para Brandão (1981), ninguém escapa à educação. Em casa, na Igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela – para aprender, para ensinar, para aprender-a ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Porém, não misturamos a educação com a vida.

Neste sentido, a educação, compreendida como um compromisso com a pessoa, com o ser humano, deve desempenhar um papel fundamental na construção e no desenvolvimento de uma consciência cidadã, preocupada com a defesa dos Direitos Humanos e com a afirmação da Cidadania, pois, como afirma Gadotti (1981), na educação (do homem) a raiz é o próprio homem. O essencial da reflexão sobre a educação é a condição humana, o homem, a antropologia.

O direito à educação faz parte da Declaração (art. 26) e, como é estabelecido no preâmbulo, a implementação dos direitos humanos fica vinculada à intervenção educativa. A escola e o professor são novamente convocados a exercer seu papel-chave na divulgação e defesa dos direitos humanos. A Declaração Universal dos Direitos do Homem, em seu Art. XXVI, 2 estabelece: “A instrução será orientada no sentido do

pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais.”

Por conseguinte, a Constituição Federal determina no Art. 205 que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, numa direção clara em favor de uma educação voltada para a defesa dos Direitos Humanos e a Cidadania.

Para que a educação aconteça da forma que sonhamos, o desafio é grande, há que se construir escolas mais justas, integradas e colaborativas, um espaço de relações entre alunos, pais, professoras, professores, funcionários. Paulo Freire (2000, p. 35), patrono da educação brasileira, em seu livro “À Sombra desta Mangueira”, a esse respeito, afirma

Mudar a cara da escola pública implica também ouvir meninos e meninas, sociedade de bairro, pais, mães. Diretoras, delegados de ensino, professores, supervisoras, comunidade científica, zeladores, merendeiras.

Gadotti (2007), afirma que neste sentido, cada escola é exclusiva, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais. Como instituição social ela é coadjuvante tanto para a continuidade quanto para a transformação social. Numa visão transformadora ela tem um papel essencialmente crítico e criativo, ela ocupa um lugar em destaque

A escola pública só será estimada quando a comunidade escolar sentir a alegria de fazer parte dela, gostar de estar e se encontrar nela e a tomar como sua através de uma efetiva participação, em suma, quando a comunidade tiver participação direta. A participação é um conceito e uma prática para optar e decidir e não apenas fazer o que está prescrito. Pontual (1996, p.43) observa que

[...] a participação popular é um processo que se constrói e que tem a magnitude da criação de uma nova cultura política, oposta à cultura política autoritária e excludente, criada e implementada pelas elites dominantes do

nosso país.

Paro (2005, p.16) afirma que participação é “partilha de poder”, que permite a todos contribuir com iguais oportunidades. Freire (2001, p.75) aponta que a participação é “um estar presente na história, mas não uma presença concedida por outros em alguns momentos” e ressalta ainda que

[...] não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade. (SÃO PAULO, 1989a, p.7)

Para Paulo Freire (1999) a escola tem uma característica conservadora, já que reflete e reproduz injustiças da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, é uma força inovadora, já que o professor tem uma autonomia relativa. Assim, o educador tem um papel político-pedagógico destacado, já que não existe educação inconsistente.

De acordo com o autor, a educação pode ajudar a transformar o homem e a mulher em sujeitos da História. Não qualquer tipo de educação, mas uma educação que torna o ser questionador, capaz de fazer julgamentos e críticas, uma educação dirigida à tomada de decisões e à responsabilidade social e política. Em virtude de uma grande necessidade de mudanças na educação, Paulo Freire não só apresentou uma proposta concreta, como tentou introduzi-la em vários países.

Tamanho é o seu comprometimento com a educação que em sua obra, Freire destaca também a defesa de uma escola democrática, onde não se ensina apenas conteúdo, mas a pensar certo. Pensar certo é pensar criticamente reconhecendo-se como sujeito da construção e reconstrução do seu conhecimento. É tomar a realidade como objeto de estudo e compreendê-la como parte de um todo, na busca de superar o saber ingênuo. “Pensar certo (...) demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos” (FREIRE, 2002b, p.37).



Paulo Freire sempre expôs suas idéias com muita precisão, e esse grande formulador brasileiro no debate sobre a escola dos sonhos, descreveu ainda o cenário de aprendizado ideal para a formação de cidadãos livres numa sociedade justa. “Escola é sobretudo gente”.

No dizer de Paulo Freire: é o lugar de zelar do presente e do futuro, lugar de aquisição e ampliação do conhecimento e liberdade, espaço para a plenitude e felicidade. É sabido que há muito trabalho a ser feito até que nos aproximemos da escola que sonhamos, mas apoiemo-nos na força dos sonhadores, no ímpeto mobilizador das ideias e dos sonhos com uma educação onde os direitos humanos são respeitados.

A educação que sonhamos será o berço da nova história.

## **2.2. É Importante que na Educação Exista o Respeito à Diversidade**

Gadotti (2004) afirma que educação é crucial para a socialização dos indivíduos e para sua humanização, é um processo que requer toda a vida e não se reduz a uma trivial “continuidade” da tradição, com a possibilidade de permanências e rupturas, pelas quais a cultura e a educação se renovam e delineiam rumos.

A educação e a escola são políticas, pois refletem, inevitavelmente, os confrontos de força existentes na sociedade em que estão inseridas, ou seja, o conceito trazido de padrão, norma vigente, de inteligência, de beleza, cultura, de linguagem, de classe social, de raça, de gênero, de religião... Ambas transmitem padrões de comportamentos, ideias e valores de segmentos da sociedade. Não podem ser compreendidas à margem da história, mas inseridas no contexto em que os homens estabelecem suas relações consigo mesmos e com os outros. (FREIRE, 2007).

Das inúmeras ações implementadas pela educação, Candau (2003), destaca: transmissão de cultura; adaptação dos indivíduos à sociedade; medição de valores e contribuição para mudanças dos indivíduos e da sociedade; desenvolvimento das potencialidades dos seres humanos; desenvolvimento da personalidade dos indivíduos; desenvolvimento da própria sociedade. Como se vê, é notório que a educação não é um processo neutro, mas está vinculada com as questões sociais, culturais, econômicas e

políticas de seu tempo. Segundo, Candau (2003, p.24)

O cotidiano da escola é palco de diferentes relações sociais e reflete a diversidade cultural presente na sociedade. Assim diferentes visões de mundo, estilos de vida, crenças e costumes, cores, etnia e todos os aspectos que compõem a cultura freqüentam, diariamente, as salas de aula. A instituição escolar representa um microuniverso social, que se caracteriza pela diversidade social e cultural e por, muitas vezes, reproduzir padrões de conduta que permeiam as relações sociais fora da escola. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro, na escola, refletem as práticas sociais mais amplas. Podemos dizer que, ainda que valores como igualdade e solidariedade, respeito ao próximo e às diferenças estejam presentes no discurso da escola, outros mecanismos, talvez mais sutis, revelam que preconceitos e estereótipos também integram o cotidiano escolar.

Indubitavelmente, conforme a afirmativa de Candau (2003), entende-se então que, a escola é um ambiente no qual se encontram pessoas de diferentes culturas, pois ao nascer a criança é inserida num sistema de significados estabelecidos por outros, ou seja, encontra um mundo de valores dados onde ela se situa. E conseqüentemente, o jeito de falar, brincar, comer, os hábitos, sotaque, gestos, enfim, com tudo isso está sujeita a ter problemas de convívio, resultantes do confronto de experiências diversas.

Assim, a escola deve buscar estimular a interação social e o respeito às diferenças, uma vez que, ela não representa um mero subproduto da sociedade, e sua função não se resume a apenas reproduzir conhecimentos e valores. Levando em consideração que a educação não pode ser considerada apenas como um veículo de informações, mas deve ser depreendida como um mecanismo de crítica de valores, ideias e ideais herdados de novos valores ideias e ideais que estão sendo preconizados. Candau (2003).

A comunidade escolar pode e deve intervir como agentes proliferadores do processo de construção de cidadania. Portanto, o ensino não é completo enquanto “[...] não levar em consideração a pluralidade de saberes e valores culturais de seu próprio povo.” (CANDAUI, 2003, p.28).

A pós-modernidade deu oportunidade para as diferenças. Nos países centrais do capitalismo, devido à grande onda de migrações, pelos conflitos étnicos internos, pelas demandas das questões de gênero e de classe, o problema do gerenciamento da diferença encarrega-se de forma central na construção dos currículos escolares. A escola pode contribuir para a construção de sentidos para a realidade, bem como para educação em determinados papéis sociais exigidos na sociedade.

Santos (2006) propõe a interculturalidade dos direitos humanos. Mesmo que o conceito tenha sido culturalmente construído no ocidente, o autor apresenta a tese da incompletude cultural, de acordo com a qual as culturas são problemáticas e incompletas em suas concepções de dignidade humana, tendo em vista as diferentes versões sobre a mesma. Como resposta, preconiza o diálogo intercultural para promover trocas de saberes distintos, envolvendo copiosas culturas com seus universos de sentido diferentes. Sugere aplicar o princípio da igualdade a partir do princípio do reconhecimento de diferenças.

Os PCN's orientam que escola, portanto, deve buscar meios, de forma a contribuir, para um convívio escolar mais harmonioso, baseado no respeito à Declaração dos Direitos Humanos, desenvolvendo atividades/projetos com temas transversais versus temas geradores / EDH e formação de educadores, sobretudo na educação básica, para que o aluno tenha uma boa base logo no início do processo para a desconstrução do sexismo, da homofobia, da lesbofobia e da transfobia.

Acredito que, dessa forma, poderá haver novas possibilidades de lidar com as diferenças que surgem no ambiente escolar e a escola poderá efetivar o seu papel de formar pessoas acolhedoras, aptas a conviver com a diversidade.

A compreensão pluridimensional do sujeito de direitos implica que devem ser promovidos espaços de aprendizagem como exercício de reflexão e ações críticas. É de competência da EDH, nessa perspectiva, formar para resistir a todas as formas de opressão, de violação dos direitos; mas também é aquela que forma sujeitos de direitos aguçando nos alunos a percepção do Outro como diferente e ao mesmo tempo semelhante, e que todos nós somos sócios dos mesmos direitos, minimizando o grau de

intolerância.

### **2.3. Preconceito, Racismo e Discriminação.**

Para bem iniciarmos este tópico, tornando melhor a compreensão dos termos é pertinente, delinear os conceitos, pois entre eles há distinções que, muitas vezes, são tratados como sinônimos.

Conforme Jaccoud e Beghin (2002, p.38), o racismo é considerado uma “ideologia que apregoa a existência de hierarquia entre grupos raciais”. Isto é, acredita-se que os brancos sejam superiores aos negros em razão de suas diferenças fenotípicas. O racismo surgiu e se consolidou entre os seres humanos gradativamente. Transmitido por meio de gerações, o racismo, entranhou-se em nossa sociedade e reflete em nossas relações sociais.

Já, Müller (2006, p.123) afirma que: O racismo e o preconceito nem sempre têm explicações racionais. São sentimentos construídos ao longo da vida, através do convívio com outras pessoas racistas ou preconceituosas e que transmitem essas ideias pejorativas sem nenhuma comprovação, apenas insistindo nos julgamentos negativos que eles têm sobre os outros.

Voltando ao pensamento de Jaccoud e Beghin, o preconceito racial, por sua vez, “[...] limita-se à construção de uma ideia negativa sobre alguém produzida a partir de uma comparação realizada com o padrão que é próprio àquele que julga” (JACCOUD e BEGHIN, 2002, p.38). Entende-se que é a inclinação aversiva de um grupo em relação ao outro provocado pela cor da pele.

Sob o mesmo ponto de vista, Nogueira (2007) diz: o preconceito racial no Brasil é de marca, ou seja, baseia-se na cor da pele, na aparência, nos traços fisionômicos das pessoas. O preconceito racial que se opera na sociedade brasileira é diferente dos Estados Unidos. Neste país, o preconceito racial se aponta na hereditariedade racial do indivíduo, em outras palavras, o preconceito vem dos primórdios. Significa que um indivíduo de fenótipo branco de ascendência familiar africana também é considerado negro.

O autor afirma, ainda, que o preconceito de origem é exercido através da exclusão sem limites dos membros do grupo atingido. Esse tipo de discriminação é, predominantemente, exercido nos Estados Unidos através de atitudes que desfavorecem aqueles que possuem origem negra, posição esta que jamais poderá ser alterada visto que no país há uma linha de cor que separam brancos e pretos. A exclusão é incondicional.

A discriminação racial é uma ação, uma manifestação de comportamento, ato, que prejudica determinada pessoa ou grupo de pessoas em razão sua raça/cor (BEGHIN e JACCOUD, 2002). Impossibilitar uma pessoa negra de exercer uma função de destaque no mercado de trabalho por motivos injustificáveis é um exemplo de discriminação racial.

Analogamente, podemos dizer que a discriminação tem o sentido de separar, distinguir, estabelecer diferenças, segregar. Traduz-se em ações negativas concretas, em práticas individuais e institucionais que violam os direitos sociais e humanos e a igualdade de tratamento, com base em critérios pré-estabelecidos, de forma singela ou não (GONÇALVES, 2007, p.32).

### **2.3.1 A Discriminação Racial e Educação**

O racismo, o preconceito e a discriminação não são obtidos geneticamente, as pessoas convertem-se em racistas, preconceituosas e discriminadoras no convívio social, quer em grupos, quer na família. Segundo Cavalleiro (2005, p. 20).

A despreocupação com a questão da convivência multiétnica quer na família quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. A ausência de questionamento pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos a sua volta.

Munanga, (2000, p.27) diz que: Estamos entrando no terceiro milênio carregando o saldo negativo de um racismo elaborado no fim do século XVIII aos meados do século XIX. [...] Estamos também entrando no novo milênio com a nova forma de racismo: o

racismo construído com base nas diferenças culturais e identitárias.

De acordo com Santos (2005, p. 14), a discriminação racial se reproduz em vários contextos sociais das relações entre negros e brancos. Nesse contexto a escola não se encontra livre dessas reproduções. Mesmo não sendo tão somente ela reprodutora de tais relações, acaba por refletir as tramas sociais existentes no espaço macro da sociedade. E é função da escola, por ser uma instituição educacional, trabalhar estas questões, e o professor jamais poderá se calar ou contribuir para o aumento da discriminação. Para Cavalleiro, (2005, p. 32-33)

O silêncio dos professores perante as situações de discriminação imposta pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros. Esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como estar contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancos com um sentimento de superioridade.

### **2.3.2. O Papel da Escola na Desconstrução do Preconceito**

É notória a “preocupação” dos educadores em trabalhar as relações étnico-raciais na escola e creio que isso se deve ao fato da alteração na LDB, em que a Lei 10639/03, torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica, objetivando combater o racismo e a discriminação no espaço escolar e oportunizando a reconstrução da história do nosso povo negro. Entende-se, a partir disso, que uma escola de qualidade deve constituir-se em espaço de inclusão, onde as relações preconceituosas e discriminadoras são combatidas, ou seja, a escola deve se opor a esses tipos de manifestações. Bento (2005, p. 62) compreende e vem nos dizer que:

Desde suas primeiras constituições, o Brasil adota princípios constitucionais e legislações que proíbem a discriminação racial. A prática discriminatória

não ofende somente a dignidade da pessoa humana, mas fere também uma das bases da democracia: o direito à igualdade.

Ademais, é justamente esse espaço que pode trazer mudanças reais. Como o professor é um dos formadores de opinião de crianças e adolescentes, deve estimular o debate em sala de aula sobre essas questões e externar a diversidade das visões de mundo. Freire (1991, 1996, 2002), a esse respeito, afirma que na falta de preparo do docente o caminho apontado para solucionar o impasse é a escola investir na formação.

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996, o assunto passou a entrar no rol dos temas importantes. Hoje o Ministério da Educação tem uma secretaria para tratar o tema. Há projetos de formação de docentes para o reconhecimento da diversidade sexual e equidade de gênero e o programa Escola que Protege, direcionado ao combate da violência. Na Secretaria de Estado da Educação (Seed), foi criado em 2007 um departamento para abordar a diversidade. Há atividades direcionadas à formação em áreas como indígenas, negros, mulheres e orientação sexual.

Somos educadores! Somos facilitadores! Devemos nos preparar, assumir nossa função social e estimular o debate!

### **3. OBJETIVOS DE PESQUISA**

Construir em parceria com uma escola, um projeto de intervenção no qual as questões de racismo sejam amplamente discutidas e analisadas, de maneira que possa contribuir com o desenvolvimento daquele espaço educacional.

#### **3.1. Objetivos específicos**

- Compreender como as questões de racismo são discutidas na escola;
- Abrir um debate com professores a esse respeito, a fim de construir alternativas de intervenção;
- Ampliar o material sobre a valorização histórica e a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.



#### 4. METODOLOGIA

Parto do princípio que a educação pode ser concebida como um processo de permanente interação e inserção dos indivíduos em determinado tempo e espaço e, nesse processo, os homens necessitam promover a articulação de suas ideias e ações na busca dos meios para sua subsistência, a partir do que é extraído da natureza. Em função disso, as pessoas precisam criar e recriar saberes e práticas, instaurando o mundo da cultura, uma realidade social que produzem.

Ao produzir a cultura e um processo educacional próprio, o homem assume uma posição como ator de sua própria história. Esse processo lhe permite interagir, romper barreiras, inferir e transformar decisivamente o seu meio, bem como o impulsiona a se melhorar tanto como indivíduo dotado de intelecto, quanto como ser questionador do mundo que ajuda a transformar a cada momento.

É neste sentido que esse estudo propôs uma intervenção na escola, em busca de alternativas para desconstrução do racismo, preconceito e discriminação racial. Considera-se importante a formação de um homem que construa valores e competências necessárias à sua integração ao projeto mais amplo de sociedade da qual faz parte.

Para tanto, leva em conta, também, o valor da participação do indivíduo em sua comunidade, em suas diversas atividades e manifestações culturais. Essa participação é defendida na perspectiva de produzir novos saberes, ao mesmo tempo em que preserva e difunde os conhecimentos produzidos pelos antepassados, de maneira que as futuras gerações possam vivenciar e reconhecer que tais heranças fazem parte de um processo histórico.

Visando atingir os objetivos propostos organizou-se uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de compreender as opiniões dos entrevistados, bem como o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

A partir de Minayo (1994), considera-se que a abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da verdade, com o que é certo ou errado, mas deve ter como preocupação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade.

#### **4.1. Contexto da Pesquisa**

O Colégio aonde a pesquisa se desenvolveu teve sua ação educativa iniciada em 1959 e, nesse sentido, representa uma das primeiras escolas da rede estadual implantada no município em que a pesquisa se desenvolveu.

Numa conversa informal com o diretor ele ofereceu muitas informações que estão inseridas neste capítulo. As demais foram retiradas do Projeto Político Pedagógico da escola, o qual foi fornecido pelo próprio diretor para a realização desta etapa.

A instituição foi e continua sendo responsável pela formação de muitos jovens, possui uma estrutura física boa com 11 salas espaçosas, ar condicionado, mesas e cadeiras suficientes para a quantidade de alunos e TV's. A escola possui um pátio bem cuidado e arborizado, bebedouros com água gelada, banheiro grande e bem equipado para os homens e outro para as mulheres, banheiro para professores e demais funcionários, sala de vídeo, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra esportiva dispendo de dois vestiários com duchas, cantina, refeitório, secretaria e diretoria. A biblioteca é atualizada e dispõe de muitos livros, TV, vídeos, ar condicionado e é bastante confortável.

Há mais de cinco anos a escola possui Projeto Político-Pedagógico, porém o documento ficou arquivado por um bom tempo, pois segundo o diretor da escola, sua estrutura, as propostas de ação e suas metas não atendiam as necessidades da escola. O projeto foi elaborado por duas pessoas da escola, sem o envolvimento dos vários seguimentos que compõe a comunidade escolar e local.

Conforme o diretor, a partir de Janeiro de 2009 iniciou-se na escola um processo de discussão e construção coletiva do PPP e, só a partir daí, o documento entrou em ação, estando, sempre que preciso, em adequação.

De acordo com o referido documento, a escola tem a missão de assegurar a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, bem como fornecer meios para garantir a progressão no trabalho e nos estudos posteriores. Sua visão de futuro é elevar o padrão de qualidade da escola a curto-longo prazo de modo que seja

um referencial pela excelência do trabalho educacional e, ao mesmo tempo, ser a melhor oportunidade de crescimento e desenvolvimento para todas as pessoas da comunidade.

De acordo com o diretor, considerando a importância do colegiado escolar na perspectiva democrática, a escola tem o colegiado como instrumento auxiliar na gestão, sendo um canal de participação democrática.

O diretor informa que o corpo docente, além do seu papel específico de docência das disciplinas, tem responsabilidades de participar na elaboração do projeto pedagógico-curricular, na realização das atividades da escola e nas decisões dos Conselhos.

Segundo o diretor da escola, o corpo discente, proveniente das camadas populares, é constituído, sobretudo de adolescentes, muitos ainda bastante confusos e sem perspectiva de continuidade dos estudos.

Destaca-se, ainda, uma distinção clara entre os alunos dos diferentes turnos, analisada pelo diretor. No turno matutino, por haver maior acompanhamento dos pais, os alunos demonstram interesse e participação, porém são bastante agitados devido à idade. No turno vespertino os alunos são advindos da zona rural, são mais tranquilos, porém não demonstram muito interesse. No noturno, os alunos trabalham o dia inteiro e nesse ano em especial o público é bem mais agitado.

Conforme o que foi dito pelo diretor, não há a presença de um coordenador pedagógico que acompanhe as ações e iniciativas das diversas áreas do conhecimento e, dessa forma, os educadores da mesma área se reúnem semanalmente para planejamentos coletivos

Os servidores são contratados por empresas terceirizadas (DELTA / SANDES) e cabe ao diretor, juntamente com sua equipe, orientá-los a inseri-los na dinâmica da escola, para que estejam em consonância com as ações pedagógicas da escola.

A turma específica aonde a pesquisa se desenvolveu possui 30 alunos de 19 a 35 anos de idade, sendo 10 do sexo masculino e 20 do sexo feminino, estudantes do 1º ano do Tempo Formativo do Eixo VI. De acordo com o diretor, esses alunos têm um baixo

nível de leitura e escrita, 50% são alunos repetentes, os outros 50% desistiram e retornaram. Trabalham o dia inteiro e estudam a noite.

O diretor da escola informou ainda que 21 desses alunos são da Zona Rural e são lavradores, fazem o percurso de 42 km todos os dias de aula para estudar, os outros 9 alunos moram na cidade, e também trabalham durante o dia. Entre eles encontra-se um gari, doméstica e entregador de mercadorias de supermercado. Desse coletivo, somente 1 rapaz e 1 moça pensam em fazer faculdade e os demais pretendem encerrar suas atividades acadêmicas no ensino médio.

Nessa turma há 4 alunos especiais que, segundo informações de uma professora, por muitas vezes são excluídos na hora de fazer os trabalhos coletivos. Nesse ano, em especial, de acordo com a mesma o público parece mais agitado e, para ela, isso se dá pelo fato de haver muitos jovens na turma, o que, de acordo com ela pode prejudicar os alunos mais velhos por conta do barulho e inquietação dentro da sala de aula.

## **4.2. Participantes**

A professora Y foi a entrevistada para a pesquisa. Ela tem 39 anos, é formada em Letras/Licenciatura em Língua Portuguesa, tem 14 anos de experiência em sala de aula e atualmente faz pos graduação em Inclusão.

Os demais participantes, professores da escola, diretor e funcionários, não foram entrevistados, mas também ofereceram uma contribuição fundamental para a construção desse projeto de intervenção, principalmente o diretor, que ofereceu forte apoio.

## **4.3. Instrumentos e Procedimentos de Construção das Informações**

Para o levantamento e coleta de dados utilizarei a entrevista para as professoras, Minayo (1994, p.57) assinala que a entrevista pode ser entendida sob dois aspectos “[...] num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância de linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um meio de coleta de informação sobre um determinado tema científico”.

O uso da entrevista no contexto desse trabalho contribuiu para obtenção de opinião, captação do sentido e a interpretação da professora sobre as manifestações de discriminação no cotidiano escolar. A entrevista realizada ocorreu no dia 25 de setembro de 2015 e teve uma duração de 20 minutos.

A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra, sendo todas as regras de sigilo e de ordem ética rigorosamente cumpridas. Seu roteiro foi dividido em três blocos de questões:

1. Apresentação:

- Apresente-se.

2. Conhecimento teórico sobre o tema:

- O que já sabe sobre racismo?
- E sobre a relação racismo e educação?
- Aonde aprendeu isso?
- Quem te ajuda a pensar sobre isso?
- Como essas questões deveriam ser discutidas na escola?
- O que deveríamos fazer em termos ideais?
- Qual o seu sonho nesse sentido?
- Por que acha isso?
- Quem te ajudou a pensar assim?
- O que deveria acontecer na escola para que esse sonho se realizasse?

3. Vivência sobre o tema:

- O que você já faz?
- O que tem dado certo?
- Por que dá certo? O que ainda não deu certo?
- Como podemos melhorar essas ideias?
- Quem te ajuda?
- Como teve essas ideias?

## 5. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO E ANÁLISE

Como já foi mencionado, a escola possui um projeto que se realiza todos os anos, o “Novembro Afirmativo”. O projeto é atualizado anualmente e sofre alterações nas atividades, de acordo com o tema. Cada participante é responsável por pesquisar e sugerir uma atividade. Aproveitamos essa atividade para construirmos nossa intervenção.

Como na entrevista a professora Y deixou claro o que, em termos ideais, precisava ser feito nesse momento, organizamos uma roda de conversa com os docentes e demais funcionários, aonde explanei sobre o tema de nossa pesquisa. Esclareci sobre a atividade que seria desenvolvida e a importância da participação de cada um para o desenvolvimento da desconstrução do racismo, discriminação e preconceito naquele espaço. O objetivo maior era respeitar o direito de igualdade de todos e, para tanto, tínhamos que discutir amplamente sobre as questões de racismo, partindo do que já trabalhavam sobre o tema.

Deixei que ficassem à vontade para falar e apresentarem suas ideias. Ficou decidido e acordado por todos que daríamos ênfase à Legislação que contempla a temática étnico-racial, a Lei nº 10.639/03, que determina o ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas na Educação Básica.

Dessa forma, sugeri que convidássemos a palestrante Anni Novais Carneiro, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares para fazer uma palestra sobre esse assunto.

Definimos que discutiremos sobre a influência do negro na formação e construção da sociedade brasileira. Com o apoio da professora Y, distribuimos as tarefas para os professores e demais funcionários da seguinte forma:

<b>Atividade</b>	<b>Data</b>	<b>Responsável</b>
Ornamentação	04 e 05.11.15	A ornamentação do espaço onde tudo ocorrerá será preparada pelas funcionárias k, N e F, responsáveis pela limpeza e organização da escola

Palestra	06.11.15	Diretor A, responsável por contactar com a palestrante
Roda de capoeira	09.11.15	O professor M falará sobre a contribuição da capoeira em nossa cultura, ele irá convidar um grupo de capoeira que se chama Curinga que irá fazer a apresentação.
Instrumentos	10.11.15	O Professor D, falará sobre os instrumentos próprios da cultura negra(afoxé, atabaque, agogô, berimbau e caxixi) e os mostrará durante a exposição.
Linguagem	11 a 13.11.15	A professora X. Aqui os alunos poderão conhecer vocábulos de origem africana que compõem o português.
Religião	16.11.15	Professora S. Ao falar das religiões trará para a escola uma representante do candomblé.
Folclore	17.11.15	Professora V. A mesma irá falar sobre o folclore e levar dois grupos de dança para representar.
Economia e Política	18.11.15	O responsável por estas partes será o professor A, que irá falar como os negros contribuíram com a construção da sociedade brasileira tanto na economia quanto na política.
Fotos de estudantes negros/brancos	19.11.15	Para mostrarmos a beleza da diversidade. O diretor convidou um pai de aluno, que é fotógrafo para fazer as fotos.

Receitas africanas	20.11.15	Esta será de responsabilidade das cozinheiras da escola, elas irão preparar comidas africanas e relatar sobre o quanto os alimentos africanos influenciaram na cultura brasileira.
--------------------	----------	--

Definimos que a execução da primeira atividade será na quadra escolar, no dia 04.11.15 e a culminância dia 20.11.15, Dia da Consciência Negra. O local deverá está ornamentado com faixas com estampas africanas.

Todas as atividades terão início às 19h, tendo a palestra com Anni Novais Carneiro como abertura das atividades, que contará com a participação dos alunos e de todos os envolvidos.

A exposição será feita logo na recepção da escola, as demais atividades serão realizadas em salas de aula. Todos os espaços, inclusive o refeitório, estarão ornamentados. As fotos serão feitas na escola e permanecerão nas paredes mesmo após a realização do projeto, uma vez que pretendemos que a escola permaneça em alerta contra o racismo.

O desenvolvimento do planejamento foi orientando por mim, com base em minha pesquisa teórica. Não houve grandes dificuldades para construção do projeto, uma vez que o grupo já estava sendo mobilizado a cada vez eu tinha oportunidade de estar na escola, além de poder contar com o apoio da professora Y e do diretor A.

Aproveitei da facilidade do diálogo durante o planejamento e ressaltei que o tema que abordaríamos faz parte de algumas das questões que devem ser constantemente pensadas e repensadas, discutidas entre educadores e educadoras, pais, educandos e educandas, pois a temática das relações raciais faz parte do cotidiano escolar.

Ressaltei, ainda, que após a conscientização sobre o processo de inferiorização dos negros e de sua história e cultura, o movimento negro e lideranças políticas negras passaram a apresentar em sua pauta de reivindicações a inclusão da História da



África, da luta negra, de sua cultura e importância na constituição social e política do país. Essas reivindicações tiveram grande impulso nos anos 1960, porém, somente em 2003, houve a assinatura da Lei nº 10.639 instituindo a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas nos Ensinos Fundamental e Médio em 2004.

Foi esclarecido que o Conselho Nacional de Educação publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas. Contudo, nós sabemos que não é fácil, pois muitas vezes não somos preparados para enfrentar certas situações, mas que juntos poderíamos contribuir para a busca do respeito a diversidade.

Dessarte, consideramos que esses procedimentos representam um caminho cujo destino é a produção do conhecimento, caminho esse que se for traçado de forma planejada e, conseqüentemente, bem executado, poderá resultar na concretização dos objetivos pretendidos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ficou notório no corpo desse trabalho, as questões raciais no Brasil são responsáveis por parte significativa das desigualdades entre negros e brancos e, além disso, também de outras desigualdades sociais em geral. São ideias construídas com o passar do tempo e que chegaram às escolas sob a forma de racismo, discriminação e preconceitos. Consideramos, no entanto, que esse também é um lugar que tem poder, com muita eficácia, para a desconstrução dessa ideologia.

Neste sentido o objetivo principal desse trabalho foi construir, em parceria com a escola, um projeto de intervenção no qual as questões de racismo fossem amplamente discutidas e analisadas, de maneira que pudessem contribuir com o desenvolvimento daquele espaço educacional.

Não foi uma tarefa difícil, pois a equipe da realização da atividade foi excelente, muito cooperativa e dinâmica, a começar pelo diretor e a professora Y, que acolheram tanto a mim quanto a proposta interventiva muito bem e forneceram informações, que somaram muito para o desenvolvimento desse trabalho, sem mostrar nenhuma dificuldade.

A presente pesquisa apresentou importantes contribuições sobre como as questões de racismo podem ser discutidas na escola e juntos conseguimos ampliar o material sobre a valorização histórica e a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.

Algo que me chamou muito atenção foi o fato de a escola já ter um trabalho de combate ao racismo, um projeto institucional fixo que possibilita ações referentes a temáticas e que possibilita um trabalho no coletivo sobre relações raciais.

Em relação a escola, vejo-a como um ambiente onde as propostas são construídas coletivamente, cujo espaço físico é bastante confortável e acolhedor e que dispõe de um grupo de funcionários qualificados, competentes e comprometidos com a educação.

Assim, considerei esse estudo de grande relevância para a educação, pois discutiu a respeito das relações étnico-raciais na escola e ofereceu uma proposta de trabalho interdisciplinar, construída pelo coletivo da escola, a respeito da História e da

Cultura Africana e Afro-Brasileira, cujo objetivo principal era combater o racismo e a discriminação e oportunizar a reconstrução da história do nosso povo negro.

O trabalho foi produtivo e prazeroso e me despertou um enorme desejo de poder contribuir muito mais com a educação.

## 7. REFERÊNCIAS

ABENSUR, Patrícia Lima Dubeux. Currículo: **o jeito freireano de fazer**. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, no. 2, p. 289-310, nov. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005. p. 01-80.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 1981. O que é educação?

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

BRASÍLIA: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CANDAU, Vera Maria. (Coord.). **Somos tod@s iguais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Somos Tod@s Iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 01-176

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e Anti-racismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo. Selo Negro, 2001. p. 141-160. \_\_\_\_\_. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 4. ed. São Paulo: Contexto. 2005. p. 01-110.

FREIRE, Paulo (1995). **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir. **A educação contra A educação contra a educação**. A educação. 1981.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar / Moacir Gadotti**. – 1. ed. – São Paulo : Publisher Brasil, 2007

GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. **Tia, qual é o meu desempenho? Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros**. (Coleção Educação e Relações Raciais, vol.7)- Cuiabá: EdUFMT, 2007. Dissertação de mestrado-Cuiabá: UFMT, 2006.

<http://www.paulofreire.org/institucional/diretores/moacir-gadotti>

JACCOUD, Luciana Barros e BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental/ Luciana de Barros Jaccoud e Nathalie Beghin**. Brasília: Ipea, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MÜLLER, Maria Lúcia; PAIXÃO, Lea Pinheiro. **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2ª. ed. Revisada, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca**: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: EdUSP, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (5ª a 8ª série), Vol.10.5 - **Orientação Sexual**, pág. 299, 1997.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005. 119 p.

PONTUAL, Pedro de Carvalho. **Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o Governo Municipal da Cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina**: a experiência do MOVA-SP 1989-1992. 1996. Dissertação (Mestrado) – **Programa de Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1996.

Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 2, nov. 2012. Artigos. ISSN 1982-7199. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

ROCHA, Rosa Margarida de C. **Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro**: uma Proposta Pedagógica na Superação do Racismo no Cotidiano Escolar. Belo Horizonte: Mazza, s.d

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Construindo a Educação Pública Popular. In: Aos que fazem a Educação Conosco em São Paulo. São Paulo, 1989a.

SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar**: as relações raciais entre alunos negros e não negros. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SILVA, Petronilha Beatriz G. e. **Africanidades Brasileiras**: esclarecendo significados definindo procedimentos pedagógicos. Revista do Professor, Porto Alegre, v.19, n.73, p. 26-30, jan./mar. 2003.

SILVA JR., Helio. **Discriminação racial nas escolas**: entre as leis e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002. 94p.

[www.periodicos.ufes.br/cnafricab/article/download/5662/4221](http://www.periodicos.ufes.br/cnafricab/article/download/5662/4221)

XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais/ Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## ANEXOS

### 1. Entrevista com a Professora Y

*Apresente-se:* Meu nome é Y, tenho 39 anos, sou casada, tenho dois filhos... um casal. Sou desta cidade e trabalho nesta escola há 12 anos, antes mesmo de atender só o ensino médio. Aqui sou professora de Língua Portuguesa, mas ajudo em tudo que for preciso. Já trabalhei em outra escola, com a disciplina de História, na Zona Rural. Meu tempo de experiência completo é de 14 anos, comecei a trabalhar dando aulas bem cedo, eu estudava, fazia cursinho e trabalhava. Amo dar aulas, minha mãe foi minha inspiração, ela é professora. Sempre tive expectativas em relação a educação, pois acredito nela. Gosto do que faço, gosto de MPB, ler livros, viajar e estar com a família.

Sou formada em Letras/Licenciatura em Língua Portuguesa e acredito tanto na educação que mesmo diante de tanta correria ainda estudo, faço pós graduação em Inclusão, penso que tenho muito o que aprender para ampliar meus conhecimentos e contribuir com a educação dos meus filhos e dos alunos. Faço questão de participar dos eventos que a escola faz e dos que sou convidada também. Estou sempre presente nos seminários, conferências e em tudo que envolve a escola. Apesar de tantas dificuldades que encontro, vejo a minha profissão como uma maneira muito significativa de contribuir com a sociedade. Essa é minha missão cotidiana!

Já vi tanta coisa acontecer aqui na escola, coisas de me deixar de cabelo em pé. Situações que me fizeram emocionar de alegria e outras de tristeza.

*Que situações foram essas? O que, por exemplo, já a deixou alegre?*

Ver aluno tratar bem o colega, cuidar do funcionário, das coisas da escola, chamar atenção do colega que fez algo errado, as homenagens feitas como forma de reconhecimento ao trabalho de um professor, do diretor, da merendeira. Gosto disso.

*E que situação já te deixou triste?( a professora chora e abaixa a cabeça...)*

Sempre trabalhei com o objetivo de levar as informações para o aluno de forma que fosse transformado e formado para viver em sociedade. Que respeitasse o direito de igualdade, mas aqui ainda encontramos alguns problemas difíceis em relação a discriminação, situações de racismo, bullying. Mas não desisto, vou continuar lutando



contra isso aqui na escola.

*O que já sabe sobre racismo?*

O racismo é quando há uma idéia de superioridade do branco sobre o negro, são julgamentos preconceituosos, negativos.

*E sobre a relação racismo e educação?*

Sabemos que as situações de racismo acontecem em vários lugares, até mesmo dentro das casas em família. A escola, digo me referindo a educação, é um espaço onde também acontece situações de racismo e isso gera exclusão. Como já falei, aqui também acontece isso e me entristece muito, mas esse espaço é na verdade um espaço democrático de convivência, valorização e de respeito as diversidades étnico-raciais, espaço de educação, formação e superação, e de trabalhar todos os conteúdos, de forma que todos aprendam a respeitar o direito do outro, independente de cor da pele, religião, opção sexual.

*Aonde aprendeu isso?*

Olha, minha primeira escola foi a casa dos meus pais e eu aprendi muito com eles que não devemos ser diferentes com ninguém por causa da cor, religião, opção sexual e tal, mas também gosto muito de ler e já li muito sobre esse assunto em livros, já participei de palestras, assisti filmes, durante a graduação, e agora na Pós graduação; essas coisas só confirmam o que eu já sabia e reforçam que o racismo é mesmo algo ridículo é uma falta de respeito, um pré julgamento.

*Quem te ajuda a pensar sobre isso?*

Até as situações que já presenciei tanto aqui na escola como fora daqui, me ajudam a pensar sobre isso, mas o diretor da escola também ajuda. A própria Lei de Diretrizes e Bases/1996 criou espaço para tratar da diversidade.

*Como essas questões deveriam ser discutidas na escola?*

Penso que deveria acontecer palestras, exposição de frases e fotos pela escola, o tema deveria ser trabalhado de forma interdisciplinar, reforçar sobre a Cultura Africana, e Afro-Brasileira. Fazer oficinas de dança, penteado afro, artesanato, noite cultural,

gincana, chamar representante de movimentos ...ideia não falta rsrs. A escola tem um projeto chamado “ Novembro Afirmativo” todo ano executamos atividades nesse período, não que durante o restante do ano não falamos desse assunto, mas nesse período é tempo de balançar a escola e depois fazer a culminância.

*O que deveríamos fazer em termos ideais?*

Como eu já disse a escola tem o projeto, ele já começou aos poucos, mas o que tem acontecido não tem sido o suficiente para acabar com a desigualdade e esteriótipos racistas, então acredito que devemos continuar batendo na mesma tecla para tentar resolver esse problema, procurando no momento fazer uma roda de conversa com os docentes, uma palestra com os alunos que seria bem vinda e estamos precisando. Penso que poderíamos fazer uma exposição de fotos de alunos/as negros/as, fotos de alunos que não tenham a mesma cor da pele e nem a mesma textura de cabelos, traços diferentes e colocar frases relacionadas aos direitos humanos independente de cor. Falar também da beleza que há na diversidade.

*Qual o seu sonho nesse sentido?*

Sei que aqui na escola há muitos professores que são firmes e possuem conhecimento não fugindo diante de manifestações preconceituosas, mas um projeto de formação para docentes, digo a preparação dos professores para se reconhecerem preconceituosos ou não, reconhecer a diversidade, lidar com as situações de racismo encontradas na escola é imprescindível até mesmo para que os projetos trabalhados surtirem mais efeito. Ninguém dar o que não tem. Se o professor não estiver preparado como irá preparar o aluno?

*Por que acha isso?*

Penso assim porque o professor tem que estar preparado para os desafios encontrados e somos responsáveis por ensinar o aluno a pensar certo.

*Quem te ajudou a pensar assim?*

Algo que me faz pensar assim é o resultado do que fazemos, nem tudo sai como a gente planeja, então acredito que está faltando algo e penso que seja isso. O próprio Paulo Freire já disse isso.

*O que deveria acontecer na escola para que esse sonho se realizasse?*

Embora a escola já trabalhe de forma coletiva, ou seja, temos opinião de alguns pais, alunos, representantes da comunidade, conselheiros, funcionários, professores, acredito que além da formação para professores falta também a vontade de mudar por parte dos alunos. Eles são muito desinteressados e não fazem questão de ver essa mudança, levam tudo na brincadeira.

*O que você já faz?*

Já trabalho com a questão do racismo, não deixo de chamar atenção dos alunos quando vejo algo relacionado a isso. Junto com o diretor já reuni com os colegas de trabalho e debatemos sobre o racismo na escola. Incentivo as meninas negras a assumirem sua origem, usar penteados afro, quando tem algum evento na escola motivo a fazerem alguma apresentação e elas fazem. Aqui tenho aluno que tem grupo de capoeira, o diretor já abriu espaço para ele falar da origem da capoeira e dançar. Ele já fez e faz. É tudo tão bonito.

*O que tem dado certo?*

Isso que eu disse tem dado certo. O nosso projeto “Novembro Afirmativo” é algo que dá certo, ele acontece, porém percebo que mesmo assim a escola depara com situações que parece que alguns alunos nunca ouviram falar.

*Por que dá certo?*

O diretor da escola é bom em organização e quando ele põe a mão na massa mobiliza toda a escola, distribui tarefa para todos. Ele faz formação continuada e nos motiva também a continuarmos buscando novos saberes. Então vejo que dá certo porque mesmo com medo de serem criticados/as, os/as alunos/as arriscam e fazem, os professores e demais funcionários também contribuem. Não está 100%, mas estamos caminhando. Pra mim isso é ponto positivo.

*O que ainda não deu certo?*

Entendo que para desconstruir conceitos mal formados precisamos ultrapassar os muros da escola, uma vez que a identidade da pessoa é formada a partir da convivência com diversos grupos, e para tal precisamos da participação de outras pessoas da família dos

estudantes para obtermos mais informações e para informá-los também, porém isso é uma coisa que não dá certo aqui, pois a família não é muito participativa, sobretudo daqueles alunos que mais precisamos de informações. Isso serve para alguns professores também.

*Como podemos melhorar essas ideias?*

Neste “Novembro Afirmativo” temos a ideia de convidar os pais para participarem das atividades práticas que estamos desenvolvendo, antes eles só assistiam.

*Quem te ajuda?*

É algo que todos os funcionários da escola estão envolvidos, então todos ajudam.

*Como teve essas ideias?*

Em reunião com os/as colegas de trabalho, cada um fala de algo já viu na tv, que leu em revista, que alguma escola já fez, aí chegamos a essa conclusã.